

Autor:

Mariana Leite

mariana0leite@gmail.com

Título:

A IMPORTÂNCIA DE SE SER SIMÃO: NOVAMENTE A TRADIÇÃO BÍBLICA EM TORNO DE MEENDINHO

Resumo:

Apesar de ser um dos cantares mais conhecidos da poesia trovadoresca, e talvez dos mais analisados pela crítica, as ressonâncias bíblicas na composição de Meendinho não foram exploradas com frequência, e normalmente centraram-se na influência dos salmos sobre a composição. Neste trabalho, reapreciamos a figura titular da ermida onde se desenrola a ação (S. Simão), questionando quer o potencial polissémico deste orago, quer as suas funcionalidades no poema.

Palavras-chave:

Poesia trovadoresca; Cantigas de Amigo; Meendinho; Bíblia; S. Simão e S. Pedro.

Abstract:

Despite being one of the best-known songs in Galician-Portuguese troubadour poetry and perhaps one of the most analysed by critics, the biblical resonances in Meendinho's composition have seldom been explored, and studies have focused mainly on the influence of the psalms on the composition. In this work, we re-examine the titular figure of the hermitage where the action takes place (St. Simon), questioning both the polysemic potential of this oracle and its functions in the poem.

Keywords:

Troubadour poetry; Cantigas de Amigo; Meendinho; Bible; St. Simon and St. Peter.

Plano:

Romarias marinhas

Meendinho e os salmos

What's in a name? A propósito de Simão

Simão, o mar e o rochedo

A amiga poderá ser Simão?

Como citar este artigo:

Mariana Leite, «A Importância de se ser Simão: novamente a tradição bíblica em torno de Meendinho», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 7, 2022, pp. 15-32.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua7a2>

A IMPORTÂNCIA DE SE SER SIMÃO: NOVAMENTE A TRADIÇÃO BÍBLICA EM TORNO DE MEENDINHO

Mariana Leite
(SMELPS/IF/FCT)
Universidade do Porto

O único legado de Meendinho, autor anónimo cuja identificação permanece misteriosamente escondida por trás de um diminutivo, inscrito na secção reservada aos jograis nos cancioneiros da Vaticana (V 438) e da Biblioteca Nacional (B 852), não se esgota nem no anonimato do autor, nem na singularidade do seu cantar de amigo. A dificuldade de interpretação da composição de Meendinho coloca-se desde logo pela fixação do texto, alvo de debate ainda não resolvido, e provavelmente irresolúvel, entre a crítica.

O primeiro verso, que permite identificar o cantar, coloca problemas: em ambos os cancioneiros, consiste em «Seria meu na ermida...»¹, leitura que levou alguns editores a equacionar o respeito pela grafia dos testemunhos², e outros a preferir «seía»³. Ainda que o argumento de Carolina Michaelis de Vasconcellos⁴ para a leitura de «sedia» em vez de «seria» esteja assente no pressuposto erróneo de que «seria» era uma formulação demasiado complexa para surgir nas cantigas de amigo, a verdade é que realmente «sedia», a única leitura possível no caso, semelhante, de «Sedia D. Belpelho», é a opção mais fiável e atualmente seguida pelas edições mais recentes, nomeadamente as digitais⁵.

Os problemas de fixação de «Sedia m'eu na ermida de San Simion» não se esgotam neste primeiro verso; na verdade, apenas dispomos de uma iteração, eventualmente incompleta, do refrão, principal *locus criticus* da composição ainda, e talvez nunca, resolúvel. Em ambos os cancioneiros regista-se inicialmente «eu atendendo meu amig'

¹ Recorremos à transcrição paleográfica apresentada por *Universo Cantigas*, socorrendo-nos das reproduções dos manuscritos disponibilizadas em *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*.

² Machado Paxeco & Machado (ed. 1953, vol. IV, p. 175); Ramón Pena (1998, p. 136); Ferreira e Miranda (2004, p. 296).

³ Fernández Guiadanes (1998, p. 63-97); Cohen (2003, p. 311).

⁴ Vasconcellos (1904, p. 889).

⁵ O argumento seguido pelos editores de *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*.

eũ a», verso que surge mais resumido nas repetições subsequentes («eu»; «eu atẽ»; «eu atẽ»/ «eu aten»; «eu atẽdeu»/ «eu atenden»; «Eu»/ «eu»; respetivamente em B e V). Se os primeiros editores interpretaram aqui um refrão duplo – «Eu atendendo meu amigo, eu atendendo meu amigo»⁶ –, a crítica posterior irá explorar várias hipóteses, que vão de leituras mais conservadoras, embora não isentas de problemas, como «e un á»⁷, «e u era»⁸ ou «e ãa»⁹, a interpretações mais conjeturais, como «e verrá»¹⁰ ou ainda «en ira»¹¹.

Por este panorama se vê que a escolha de uma edição não é uma questão de somenos: de que texto partir, e quais as consequências dessa opção? A edição disponibilizada pelo *Universo Cantigas* é francamente satisfatória, tanto por seguir de perto as versões de Meendinho apresentadas nos dois testemunhos como por resolver os *loci* a partir de tendências de ambos os manuscritos. A solução para o refrão, contudo, pode no seu conservadorismo restringir o potencial que a leitura de Tavani permite. No *Universo Cantigas*, edita-se o cantar com o seguinte refrão:

Sedia-m'eu na ermida de San Simion
e cercaron-mi as ondas que grandes son:
eu atendendo meu amig', e u era?

Na página *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*, o refrão proposto é a replicação da primeira metade do verso, conferindo-lhe mais uma sílaba do que nas primeiras estrofes:

Sedia-m'eu na ermida de Sam Simion
e cercaron-mi as ondas, que grandes son!
Eu atendendo meu amig', eu a[tendendo].

Tavani, a partir de antecedentes textuais, sugere que «ũ a» abrevia «ver a», forma da terceira pessoa do futuro do indicativo de «vir»: «Eu atendendo meu amig'! E verra?». A edição dirigida por Mercedes Brea¹² concilia a leitura de «sedia» e o refrão proposto por Tavani:

Sedia'meu na ermida de San Simiõn,
E cercaron-mi-as ondas que grandes son.
Eu atentend'o meu amigu'! E verrá?

⁶ Vasconcellos (1904, p. 889); Nunes (1926, pp. 229-230).

⁷ Arias Freixedo (1997).

⁸ Arias Freixedo (2000).

⁹ Machado Paxeco & Machado (ed. 1953, vol. IV, p. 175); Cohen (2003, p. 311).

¹⁰ Tavani (1988).

¹¹ Ferreiro (2007, p. 65-67).

¹² Brea (ed. 1996, vol. II, p. 662).

O refrão concluído com a oração, potencialmente interrogativa, não só sublinha a angústia (e dúvida) da espera em que Meendinho colocou a amiga como comunica ainda com a própria oscilação de tempos verbais que encontramos nas estrofes subsequentes (imperfeito/ pretérito perfeito, presente e futuro do indicativo)¹³, preservando, ainda, o refrão hendecassilábico (de resto, também mantido na edição do *Universo Cantigas*).

O problema da métrica acima assinalado vai colocar-se ao longo deste cantar. Os editores procuram regularizar uma estrutura de verso que se oferece instável: sem as adições editoriais, os dois hendecassílabos da primeira estrofe não são constantes ao longo da composição. De acordo com o que indicam Elza Machado Pacheco e José Pedro Machado¹⁴, Manuel Rodrigues Lapa faz notar que isto poderá dever-se ao facto de a cantiga estar «mutilada nos apógrafos», sendo «a mutilação sobretudo evidente na est. 3, onde aparecem um verso de 11 sílabas e outro de 9, e além disso, a rima duvidosa son: remador:»¹⁵. Contudo, esta pode ser uma estratégia deliberada do trovador, que através da instabilidade métrica acentua a situação periclitante em que se encontra a voz enunciativa.

Ainda que a solução apresentada pela edição de 1996 seja conciliadora, preferimos ainda assim a proposta disponibilizada na plataforma *Universo Cantigas*, com cuja resolução de abreviaturas, interpretação das funções gramaticais e pontuação concordamos. Dado o problema da métrica acima assinalado, excluimos, porém, as adições que, em ambas, regularizam a estrutura das estrofes:

Sedia-m'eu na ermida de San Simion
e cercaron-mi as ondas que grandes son:
eu atendendo meu amig', e verra?

Estando na ermida ant'ó altar,
cercaron-mi as ondas grandes do mar:
eu [atendendo meu amig', e verra?]

E cercaron-mi as ondas que grandes son,
nen ei barqueiro nen remador:
eu aten[dendo meu amig', e verra?]

E cercaron-mi ondas do alto mar¹⁶,

¹³ Um aspeto para o qual aponta o comentário à edição em *CMGP*, que faz notar que «o clima emocional é ainda potenciado pela ambiguidade dos tempos verbais utilizados ao longo das estrofes (do imperfeito para o presente e futuro), e que deixam a cena suspensa num tempo de enunciação indeterminado».

¹⁴ Machado Paxeco & Machado (ed. 1953, p. 177).

¹⁵ O texto reproduzido por Machado Paxeco & Machado (ed. 1953, p. 177) está indevidamente identificado. Os autores apenas remetem para a *Crestomatia*, sem apontar número de página ou edição. Das edições que consultámos (Lapa, 1940; Lapa, 1960), não consta esta cantiga de Meendinho. Verificámos também que a *Crestomatia* de José Joaquim Nunes (7ª ed., 1970) inclui a composição no seu *corpus*, mas não é tecida nenhuma consideração sobre a sua estrutura. É possível que se trate de uma outra obra de Lapa que não conseguimos atempadamente identificar e consultar.

¹⁶ B; V: *hūdas*.

non ei barqueiro nen sei remar:
eu aten[dendo meu amig', e verra?]

Non ei barqueiro nen remador¹⁷,
morrerei fremosa no mar maior:
eu atenden[do meu amig', e verra?]

Nen ei barqueiro nen sei remar,
morrerei eu fremosa no alto mar:
eu [atendendo meu amig', e verra?]

A narrativa extremamente despojada com que Meendinho executa uma composição também estilisticamente simples é talvez um dos seus melhores e mais conseguidos artifícios. A voz da jovem, «fremosa», que aguarda hesitante a chegada do seu amigo vai sendo progressivamente consumida pela fúria marinha à qual, por não ter barqueiro nem saber remar, sucumbirá. O recurso apurado ao leixa-prem faz eco do movimento das ondas, e permite ir acentuando a urgência que a ausência do amigo implica¹⁸: o crescer das ondas (repete-se quatro vezes o motivo «cercaron-mi as ondas») vai somar-se a «non ei barqueiro nen sei remar», ou «nen remador», apontando-se com isso a morte inevitável caso o amigo não chegue: «morrerei eu fermosa no alto mar/ eu atendendo meu amig', e verrá?».

Romarias marinhas

Embora Giuseppe Tavani¹⁹ tenha feito notar que o motivo da romaria funciona sobretudo como um argumento para o encontro, marginalizando assim a potencial dimensão religiosa ou devocional, e também Ângela Correia²⁰ demonstre a funcionalidade dos espaços devocionais como marcadores da identidade autoral, a alusão específica a S. Simeão nesta composição não parece ser meramente circunstancial, potenciando na verdade o reconhecimento de vários intertextos convocados por Meendinho. A existência efetiva da pequena ilha na ria de Vigo, na qual houve uma ermida dedicada a S. Simeão, ultrapassa, a vários níveis, a referencialidade estrita. Primeiramente porque, ao aludir a um espaço concreto e facilmente identificável, levanta «discrepâncias [...] entre o cenário construído por Meendinho e a realidade, presente ou passada, da ilha de San Simion»²¹, dado que as características geográficas quer da pequena ilha, quer da própria ria de Vigo, não se coadunam com a violência atribuída às ondas que a cercam. Na verdade,

Longe de significar por si próprio, o mar dos jograis de Vigo adquire o seu pleno sentido enquanto espelho do estado de alma das protagonistas, transmutando-se,

¹⁷ B: *Non ey hi barqueyro*; V: *Non ey barqueyro*.

¹⁸ Tavani (1990, p. 306).

¹⁹ Tavani (1990, pp. 146-147).

²⁰ Correia (1993).

²¹ Ferreira & Miranda (2004, p. 297).

pela sua exaltação, na projecção poética de toda a paleta de sentimentos que a paixão nelas desencadeia²².

Em segundo lugar, convoca-se aqui tanto referencialidade real como imaginária; o espaço do encontro é simultaneamente sagrado e profano, porque são duas dimensões indestrinçáveis. De facto:

Esta tendencia secular de xuntar os lugares sagrados co mar [...] xustifica ben a súa representatividade (ademais da veciñanza dos autores) respecto da mentalidade no Occidente medieval que non fai separación entre Deus e natureza, entre espírito e realidade, de forma que non podemos considerar poesía cantada da época como unha simple metáfora: se Meendinho fai cantar en San Simón "E cercáronmi as ondas do alto mar", hai que pensar, asemade, no símbolo e no feito certo, no imaxinario e na realidade²³.

Assim, a escolha de S. Simeão como orago a que ocorre a amiga deve ser considerada sob mais perspectivas além da marca autoral, da referencialidade geográfica ou até da eventual alusão ao patrono que promove ou que o público facilmente associaria à composição de Meendinho²⁴. Meendinho transforma a ilha de S. Simeão, que longe está e estaria de ser palco de violentas tempestades, num pequeno rochedo gradualmente delapidado pela força marinha. Tal como a voz poética, a figura tutelar que surge na primeira cobla é rapidamente absorvida pela predominância do perigo do mar («cercarom-mi as ondas»/ «non ei barqueiro»/ «morrerei fremosa»), o que leva a que:

Esa relevancia concedida ó mar [escureça] un pouco os trazos que adscriben tamén esta composición ó grupo das cantigas de romaría, entre os que está presente a referencia á ermida, co nome do santo ó que está dedicada ("Seríam'eu na ermida de San Simión"), e implícita a oración (Estando na ermida, ant'o altar)²⁵.

Precisamente por isto, devemos considerar esta composição não apenas enquanto um cantar de romaria, sob a égide de S. Simeão, mas também devemos atentar à sua evidente inserção no género das cantigas marinhas, numa prática que Meendinho partilha com outros autores que versaram sobre a ria de Vigo²⁶. Vamos, no entanto, abster-nos de explorar aqui em detalhe todo o rico *topos* do mar como fonte

²² Ferreira & Miranda (2004, p. 298).

²³ Barros (1998, p. 39).

²⁴ Ferreira & Miranda (2004, pp. 308-309).

²⁵ Brea (1998, p. 73).

²⁶ Brea (1998a). Assinalamos que, no âmbito do dia das letras galegas de 1998, foram celebrados conjuntamente os jograis da ria de Vigo, Meendinho, Martim Codax e Johan de Cangas, resultando num considerável volume de estudos e reedições dos cantares dos três autores.

de perigos na Idade Média²⁷, e sobretudo a relação da morte marítima com a morte de amor na poesia trovadoresca²⁸. Interessam-nos os motivos convocados por uma composição onde uma voz suplicante, aqui feminina, se apresenta perante uma tormenta que a envolve quase até ao aniquilamento, mantendo a esperança na vinda de uma figura salvífica para a resgatar.

Meendinho e os salmos

A releitura da tradição trovadoresca à luz da influência bíblica, recentemente explorada em casos talvez menos evidentes²⁹, não é terreno alheio à crítica que se debruçou sobre o cantar único que Meendinho nos legou: desde logo com identificação do salmo 68 como paratexto do cantar³⁰, cujos paralelismos foram posteriormente explorados com mais minúcia³¹, e ainda a potencial influência do salmo 88 na composição³²: poucos resultados para uma das composições mais conhecidas da poesia galego-portuguesa. A influência do livro dos Salmos é evidente quando lemos Sal 68: 2-4³³:

salva me Deus
quoniam venerunt aquae usque ad animam
infixus sum in limo profundi
et non possum consistere
veni in profundum aquarum et flumen operuit me
laboravi clamans exasperatum est guttur meum
defecerunt oculi mei expectantes Deum meum³⁴.

Conforme indicam Maria do Rosário Ferreira e José Carlos Miranda:

Às águas que «intraverunt» até à alma do salmista, fazendo-o temer o «limum profundi», faz o jogral corresponder «as ondas que grandes som», que vai repetindo nas primeiras *coblas*, passando depois para «ondas do alto mar», até

²⁷ Veja-se Carreto (2021).

²⁸ Ferreira (1999); Varela (2002-2004); Ferreira (2009).

²⁹ Silva e Correia (2021).

³⁰ Deyermond (1992, pp. 21-28).

³¹ Ferreira & Miranda (2004).

³² Menéndez Ferrín (1998, pp. 3-5, *apud* Ferreira & Miranda, 2004, p. 300, n. 14)

³³ Recorremos sempre, para o texto latino, à *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem*, edição de 2007.

³⁴ «salva-me, Deus/ Porque vieram as águas até à minha alma/ estou preso no limo das profundezas/ não tenho ponto de apoio/ Vim para o fundo das águas e a vaga cobriu-me/ Esforcei-me a clamar, a minha garganta está rouca/ Abandonaram-me os meus olhos à espera do meu Deus». (trad. nossa a partir de *Bíblia*, ed. 2019-)

finalmente abandonar as ondas, ficando apenas com o «mar maior» e o «alto mar» com que termina o poema³⁵.

A fé persistente do salmista na salvação divina, amplificada nos versículos 15 e 16, também indicados aquando da identificação das intertextualidades bíblicas do cantar³⁶, encontra ecos no próprio refrão, uma vez que se insiste precisamente na ideia de espera («eu atendendo») pela salvação «de profundis aquis» («morrerei fremosa no alto mar») ou do «fluvius aquae» («ondas grandes do mar»). Por outro lado, a espera da amiga implica um pedido de socorro («Non ei barqueiro nem remador/ morrerei fremosa no mar maior»), recordando a rouquidão desesperada do salmista que diz «laboravi clamans exasperatum est guttur meum»:

erue me de luto ut non infigar
libera me ab his qui oderunt me et de profundis aquis
ne operiat me fluvius aquae
et ne absorbeat me profundum
et non coronet super me puteus os suum. (Sl 68: 15-16)³⁷.

Ainda que de forma menos explícita, também Sl 88 contém elementos que recordam o poder de Deus sobre os mares, paralelo ao do amigo sobre a salvação da voz poética; mas, certamente, não podemos deixar de encontrar ainda ressonâncias do nosso cantar em Sl 129:1-2; 4-5:

de profundis clamavi ad te Domine
Domine exaudi vocem meam
fiant aures tuae intendentibus ad vocem deprecationis meae
[...] sustinui Dominum sustinuit anima mea et verbum eius expectavi
anima mea ad Dominum
a vigilia matutina usque ad vigiliam matutinam³⁸.

Temos também aqui o tópico da súplica feita a partir do profundo abismo onde se encontra o salmista – «de profundis clamavi» («E cercarom-mi as ondas que grandes son») – tal como a espera confiante e irredutível na chegada do Salvador que o refrão implica – sustinui Dominum sustinuit anima mea et verbum eius expectavi/ anima mea

³⁵ Ferreira & Miranda (2004, p. 301).

³⁶ Deyermond (1992, p. 26).

³⁷ «Retira-me do lodo para que não me afunde!/ Livra-me dos que me odeiam e das águas profundas!/ Não me cubram as ondas/ nem me engula o abismo;/ que a boca do poço não se cerre sobre mim.» (*Bíblia*, ed. 2019-)

³⁸ «Do fundo do abismo clamo a ti, Senhor/ Senhor, ouve a minha voz!/ Estejam os teus ouvidos atentos à voz da minha súplica/ ... Eu espero no Senhor. Sim, a minha alma espera!/ E confio na sua palavra! A minha alma volta-se para o Senhor, mais do que as sentinelas para a manhã» (*Bíblia*, ed. 2019-).

ad Dominum/ a vigilia matutina usque ad vigiliam matutinam («Eu atendendo meu amigo»). A confiança do salmista, presente aqui como em Sl 68, parece fraquejar na amiga que se interrogará sobre a vinda do amigo que a resgataria do perigo («E verá?»). Esta hesitação, ausente dos salmos vistos, encontra mais ressonâncias com outros episódios bíblicos, certamente tão conhecidos de Meendinho e do seu público como o livro dos Salmos. Talvez a chave se encontre precisamente na figura tutelar da ermida a que ocorre a amiga, S. Simeão.

What's in a name? A propósito de Simão

Quando consegue gerar o segundo filho de Jacob, Lia, a esposa preterida, chama-o «יִשְׁמֵעֵל» [Shimeon], nome que se poderia traduzir por «o meu sofrimento foi ouvido»³⁹. Embora a menção de um antropónimo que significa precisamente «sofrimento ouvido» numa composição onde uma voz poética feminina canta o seu desespero enquanto aguarda pela salvação (ou seja, ser ouvida), seja extremamente tentadora, seria arriscado achar que Meendinho e o seu público facilmente reconhecessem quer a etimologia hebraica, quer a referência a estes precisos versículos do Genesis. Encontramos, no entanto, uma fonte suficientemente reconhecida para a hagiografia que, embora sem se aproximar tanto do texto vetero-testamentário, não deixa de preservar o sentido de «escuta» e «tristeza» da premissa inicial. Na sua *Legenda Aurea*, Tiago de Voragine diz que «Symon interpretatur obediens vel ponens tristitiam»⁴⁰: mantém-se o sentido da obediência (atributo de quem acata a ordem que lhe é ditada) e da tristeza (circunstância em que Lia evoca Deus).

Apesar de dar origem a uma das tribos de Israel, Simão, versão de Simeão, é um nome muito mais preponderante no Novo Testamento, pelo que será importante visitar as várias personagens com este nome que nele surgem. Sendo certo que apenas dois são canonizados, não podemos ficar indiferentes à quantidade de ocorrências e, sobretudo, à pluralidade de atitudes perante a fé que o nome invoca. Logo no início do Evangelho de Lucas (Lc 2: 25-35), é o Justo Simeão quem reconhece a divindade de Jesus ainda criança. Sobre ele, indica-se que era:

homo iustus et timoratus expectans consolationem Israhel, Spiritus Sanctus erat in eo et responsum acceperat ab Spiritu Sancto, non visurum se mortem nisi prius videret Christum Domini et venit in Spiritu in templum⁴¹.

³⁹ Note-se, contudo, que apesar de parecer partir da raiz «שמע» [shama], significando ouvir ou acatar, não há certezas sobre a efetiva origem do nome. Ainda assim, Gn 29:33 estabelece esta ligação ao fazer Lia proclamar «quoniam audivit Dominus haberi me contemptui, dedit etiam istum mihi, vocavitque nomen illius Symeon» [o Senhor ouviu-me no meu sofrimento e deu-me também este; e chamou-o Simeão] (trad. nossa).

⁴⁰ «Simão significa "obediente" ou "aquele que se entrega à tristeza"» Castro (trad. 2004, vol. I, p. 328). A mesma frase introduz a história de S. Simão Zelota em Maggioni (ed. 1998, p. 1079).

⁴¹ «um homem justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele. Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de ver o Cristo do Senhor. E veio ao templo movido pelo Espírito» (*Bíblia*, 2019-).

Perante a resposta à sua espera, o ancião revela que poderá morrer em paz no célebre cântico «nunc dimittis servum tuum Domine/ secundum verbum tuum in pace/ quia viderunt oculi mei salutare tuum» (Lc 2: 29-30)⁴². Mais do que o reconhecimento do menino como o Messias, neste episódio sobressai a figura do homem que espera confiante na promessa divina e vê o seu cumprimento na iminência da morte.

Encontramos ainda Simão, o leproso, que acolhe Jesus em Betânia nas vésperas da Páscoa (Mt 26:6; Mc 14: 3-9). Este último é, em Lucas (Lc 7: 36-50), identificado como um fariseu de Cafarnaum que convidara Jesus para cear e reage negativamente à interação do mestre com a mulher pecadora, duvidando por isso da sua legitimidade e sendo interpelado por Jesus por causa da sua desconfiança (Lc 7:39-40). Já durante a Paixão, Simão de Cirene, incumbido de ajudar Jesus a carregar a cruz até ao Gólgota (Mt 27: 32; Mc 15: 21; Lc 23: 26) opõe-se, pela sua atitude, a Simão Pedro, o apóstolo que negara três vezes Jesus e se afasta dele no momento da morte.

A personagem mais negativa com o nome Simão é o Mago, um homem que surge já após a vida de Cristo, e procura receber o Espírito Santo das mãos dos apóstolos Pedro e João em troca de dinheiro, tendo em vista a mercantilização dos dons espirituais (Act 8: 9-24). Restam os dois principais apóstolos que partilham o nome Simão: o Zelota e Pedro.

Simão, o mar e o rochedo

Não cabe, neste pequeno trabalho, fazer uma análise detalhada da figura histórica e teológica de Pedro⁴³, mas convém visitar alguns dos atributos que lhe são conferidos. Pedro é o apóstolo mais mencionado no Novo Testamento⁴⁴; recebeu três nomes, o que chegou a causar alguma confusão e debate⁴⁵ mas também, como veremos seguidamente, permitiu acentuar a complexidade do seu carácter.

Simão Pedro é constantemente associado ao mar, sobretudo durante a vida de Cristo; é, junto ao mar da Galileia, um dos primeiros apóstolos a ser chamado por Jesus, ordem que acata imediatamente (Mt 4:18-22; Mc 1:16-18). Note-se que, no evangelho de Lucas, este primeiro encontro de Jesus com Simão inclui o regresso do pescador ao mar alto e a menção do quase afogamento que leva a que o apóstolo reconheça logo Jesus como Deus (itálicos nossos):

Ut cessavit autem loqui dixit ad Simonem: duc in *altum* et laxate retia vestra in capturam; et respondens Simon dixit illi: praeceptor per totam noctem laborantes nihil cepimus in verbo autem tuo laxabo rete. et cum hoc fecissent concluderunt

⁴² «Agora, Senhor, podes deixar partir em paz o teu servo segundo a tua palavra, porque os meus olhos viram a tua salvação» (Bíblia, 2019-).

⁴³ Veja-se, por exemplo, Hengel (2010).

⁴⁴ McDowell (2015, p. 55).

⁴⁵ Por exemplo, veja-se Lake (1921).

pisium multitudinem copiosam rumpebatur autem rete eorum et annuerunt sociis qui erant in alia navi ut venirent et adiuvarent eos et venerunt et impleverunt ambas naviculas *ita ut mergerentur*. Quod cum videret Simon Petrus procidit ad genua Iesu dicens: exi a me quia homo peccator sum Domine. (Lc 5:4-8)⁴⁶.

Temos, assim, desde logo três elementos importantes para a caracterização de Simão: é aquele que é convidado a ir para o alto mar, quase é submergido ao fazê-lo e submete-se ao poder de Cristo. Em mais duas ocasiões, ainda antes da transmutação do nome, Simão tem experiências transcendentais com Jesus no meio das águas, nomeadamente no lago de Tiberíades (Mt 8:23-26; Mc 4:35-40; Lc 8 22:25). Em dois dos três evangelhos que relatam este episódio, menciona-se explicitamente que a agitação marítima cobre o barco (Mt 8:24; Mc 4:37); nos três, a interpolação dos discípulos que interrogam Jesus sobre a Sua indiferença perante a morte iminente deles surge em discurso direto, traduzindo-se por variações de «Mestre, salva-nos, estamos a morrer» (Mt 8:25; Lc 8:24), ou «não te importa que morramos?» (Mc 4:38).

A este conhecido episódio, adimos ainda aquele em que Jesus caminha sobre as águas: também aqui temos os discípulos em perigo no meio de um mar revolto que se acalma com a chegada de Cristo ao barco, dizendo-lhes para nada temer (Mc 6:47-51; Jo 6:16-21). O relato de Mateus (Mt 14:28-31) inclui as ações de Simão Pedro que, reconhecendo que é Jesus quem se aproxima, pede-lhe para ir ao seu encontro: «Petrus dixit: "Domine si tu es iube me venire ad te super aquas"». Cristo anui: «at ipse ait "veni"», permitindo assim a Pedro que com ele ande sobre o mar revolto («et descendens Petrus de navicula ambulabat super aquam ut veniret ad Iesum»). Porém, perante a agitação, o discípulo hesita («videns vero ventum validum timuit et cum coepisset mergi», e clama pela salvação divina: «clamavit dicens: "Domine salvum me fac"». Jesus salva-o («et continuo Iesus extendens manum adprehendit eum»), repreendendo a dúvida – a pouca fé no poder do seu mestre – do discípulo: «et ait illi modicae fidei quare dubitasti»⁴⁷.

Um dos momentos-chave do percurso de Simão é a mudança do seu nome, que ocorre porque é ele o primeiro a reconhecer Jesus como filho de Deus. Esta mostra a transformação do homem em rochedo, ou seja, porque foi Simão (ἰσὴν), acatou e acreditou na revelação divina, tornou-se *Kepa/ Kephias* (כֶּפֶז/ Κηφῆς) ou *Petrus*, base sobre a qual Jesus edificará a sua igreja, resistindo a qualquer contrariedade (Mt 16:18).

⁴⁶ «Quando acabou de falar, disse a Simão: "Afasta-te para *águas profundas* e lança as vossas redes para a pesca". Respondendo, Simão disse: "Mestre, toda a noite nos afadigámos e não apanhámos nada, mas perante a tua palavra lançarei as redes". Feito isto, apanharam uma enorme quantidade de peixes e as suas redes estavam a romper-se. Fizeram, então, sinal aos companheiros que estavam no outro barco para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram ambos os barcos, de tal modo que se estavam a afundar. Ao ver isto, Simão Pedro prostrou-se aos joelhos de Jesus, dizendo: "Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador"». (*Bíblia*, ed. 2019-).

⁴⁷ «Pedro, respondendo-lhe, disse: "Senhor, se és Tu, manda-me ir ter contigo sobre as águas". Ele disse: "Vem". E, descendo do barco, Pedro começou a caminhar sobre as águas e foi ter com Jesus. Mas, ao ver o vento forte, teve medo, começou a afundar-se e gritou, dizendo: "Senhor, salva-me". Imediatamente Jesus lhe estendeu a mão, agarrou-o e disse-lhe: "Homem de pouca fé, porque duvidaste?"». (*Bíblia*, ed. 2019-).

A explicação da *Legenda Aurea* para os três nomes do apóstolo amplifica os sentidos dos evangelhos. Primeiramente, e como referimos, expõe-se aproximadamente o sentido etimológico⁴⁸. A este dado, acrescenta-se uma explicação que demonstra como o nome prenunciava o percurso do apóstolo, chamando a atenção quer para a fidelidade, quer para a negação de Cristo durante a Paixão que o faz mergulhar em profunda tristeza: «Fuit enim obediens, quando Christus eum uocauit, et ad unius iussionis uocem domino obediuit, ponens tristitiam quando Christum negavit, cum egressus foras fleuit amare»⁴⁹.

Segue-se uma explicação sobre os sentidos do novo nome que Cristo atribui a Simão. *Cephas* é traduzido aqui tanto por pedra como por cabeça, prefigurando a liderança de Pedro sobre a igreja, e remetendo ainda para o sentido de aquele que é «constantie in predicatione», ou seja, que não cessa de pregar nem de anunciar a palavra:

Secundo uocatus est Cephas, quod interpretatur caput uel petra uel increpans ore: caput ratione principatus in prelatione, petra ratione firmitatis in passione, increpans ore ratione constantie in predicatione⁵⁰.

Por último, reflete-se sobre o sentido de Pedro, nome pelo qual o apóstolo é mais conhecido na cristandade latina; nesta explicação, é acentuado o papel pontifício de Pedro que recebeu o poder de dissolver os pecados e recebeu as chaves do céu:

Tertio uocatus est Petrus, quod interpretatur agnoscens uel discalcians uel dissolvens, quia Christi diuinitatem agnouit cum dixit: «Tu es Christus filius Dei uivi», et pedes affectuum suorum ab omni opere mortuo et terreno discalciauit, cum dixit: «Ecce, nos reliquimus omnia etc.» et uincula peccatorum a nobis dissoluit, et hoc per clauas quas a domino recepit⁵¹.

Estas explicações sobre a mudança do nome de Simão Pedro recordam os episódios mais marcantes do apóstolo, as suas virtudes e fracassos que, cremos, são relevantes para a procura de ressonâncias bíblicas no cantar de Meendinho.

⁴⁸ Maggioni (ed. 1998, vol. I, p. 559).

⁴⁹ Maggioni (ed. 1998, vol. I, p. 559): «De facto, foi obediente, quando Cristo o chamou, porque obedeceu a uma única chamada; que se entregou à tristeza, quando negou Cristo, porque saiu para chorar amargamente» (Castro, trad. 2004, vol. I, p. 328).

⁵⁰ Maggioni (ed. 1998, vol. I, p. 559): «Em segundo lugar, foi chamado Cefas, que significa "cabeça" ou "pedra" ou "o que censura com a boca": cabeça, em virtude do principado na prelatura; pedra, em razão da firmeza na sua paixão; que censura com a boca, pela sua constância na pregação.» (Castro, trad. 2004, vol. I, p. 328).

⁵¹ Maggioni (ed. 1998, vol. I, p. 559): «Em terceiro lugar, foi chamado Pedro que significa “conhecedor” ou “aquele que descalça” ou “que desliga”, porque conheceu a divindade de Cristo quando disse: “Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo” e descalçou os seus pés dos seus afectos de todas as obras mortas e terrenas quando disse: “Eis que deixámos tudo e Te seguimos...”, desligando-nos assim dos vínculos do pecado pelo poder das chaves que recebeu do Senhor.» (Castro, trad. 2004, vol. I, p. 328)

A amiga poderá ser Simão?

Entre os argumentos expostos que propõem Simão Zelota como o S. Simão de Meendinho⁵², é evidenciada a dimensão de psicopompo do apóstolo que acompanha S. Judas Tadeu. Juntos são celebrados nos últimos dias de Outubro, numa data muito próxima àquela que, transmutada nas celebrações de todos os santos e de fiéis defuntos, guarda, até aos dias de hoje, a tradição de momento propício à comunicação entre os mundos dos vivos e dos mortos. S. Simão é também alvo de sincretização das características de figuras que, em diversas culturas e desde tempos remotos, estabelecem pontes entre os dois mundos: personagens como Caronte, o barqueiro do Hades, são retomadas em outros santos de devoção cristã, nomeadamente S. Cristóvão e S. Pedro. De facto, se S. Simão é o patrono dos aflitos em águas turbulentas, S. Pedro não só é associado a travessias marítimas como carrega ainda as chaves do céu, podendo ligar e desligar os dois universos. São por isso figuras liminares, entre ambas as margens da existência, e que por isso permitem a salvação *in extremis*.

Não haverá muito a acrescentar à argumentação em favor de o S. Simão de Meendinho (e da ria de Vigo) poder ser o Zelota⁵³, a quem a amiga se dirige em súplica. A equivalência entre a figura do santo e do amigo, que a virá resgatar, adequa-se perfeitamente às características deste apóstolo ligado à salvação das águas e à passagem entre vida e morte. No entanto, não podemos ficar indiferentes à plétora de sentidos que o nome Simão associado a Pedro acarreta.

Conforme já tinham notado Maria do Rosário Ferreira e José Carlos Miranda:

se tivermos em conta o episódio evangélico do lago de Tiberíades atrás mencionado, cuja evocação, por parte do jogral, poderá também justificar alguns dos elementos contraditórios presentes no seu poema: a tempestade implícita; a fusão do mar alto e das águas de um lago num mesmo cenário; e, particularmente a expressão da dúvida quanto à possibilidade de salvação numa situação difícil, que é também assumida pelos Apóstolos. A ser assim, ao estabelecer-se uma correlação entre o amigo altivo que prima pela ausência e um poderoso e múltiplo *simile* divino, resultará certamente mais elaborada a rede de sentidos montada pelo jogral ao longo do poema⁵⁴.

Como procurámos elenkar, Simão Pedro é o apóstolo que hesita, mas segue sempre Jesus, arriscando por Ele afundar-se, perecer em tempestades, ou caminhar sobre as águas. É, de resto, a sua dúvida que põe em risco a sua salvação, como por várias vezes Cristo o adverte. Após todas as provações por que passa em que a sua vida

⁵² Ferreira & Miranda (2004, p. 305).

⁵³ Ferreira & Miranda (2004, pp. 305-308).

⁵⁴ Ferreira & Miranda (2004, p. 303, n. 18).

é ameaçada em ambientes marítimos, Simão vê finalmente o seu estatuto elevado ao de pontífice entre o céu e a terra, tornando-se em estável e resistente Pedro.

No cantar de Meendinho, podemos também ver na própria voz feminina características do S. Simão Pedro, estabelecendo-se um paralelismo da relação amiga-amigo com a de Pedro-Jesus. Tal como o apóstolo, a amiga espera (não sem dúvidas, se nos ativermos à lição de Tavani para o refrão) pela salvação que só lhe poderá vir do amigo. Graças ao convívio com Jesus, que reconhece como o Salvador, Simão é transformado pelo seu mestre em Pedro. Em Meendinho, o convívio está suspenso, e a ausência do amigo impede a mulher da transmutação que só ele pode produzir nela, ao ponto de o seu percurso se tornar o inverso do de Pedro: enquanto ele se torna rocha, todo o mundo que rodeia a amiga se vai dissolvendo, como se a água corresse a pedra em que ela assenta: «o espaço sacralizado do encontro amoroso frustrado pela ausência do amigo reduz-se cada vez mais, de ilha a ermida, de ermida a altar, de altar a nada, tragado por ondas invasoras»⁵⁵.

Cumpre-se, assim, a total conversão da figura feminina ao desejo e benevolência do amigo de quem depende para ser salva. A voz feminina em que se coloca o cantar desesperado ressoa como a de Simão, aquele que escuta e acata as ordens do Messias, esperando encontrar nele o eleito entre os apóstolos, não sem máculas, mas ainda assim o escolhido. Em Meendinho, ficamos em suspenso, «atendendo» que o amigo venha resgatar – e firmar em pedra – a vida da sua eleita.

⁵⁵ Ferreira & Miranda (2004, p. 299).

Referências:

- Arias Freixedo, Xosé Bieito (1997), "Eu atend'end'o meu amig[u]", e un á. ¿É posible unha nova lectura da cantiga de Meendinho? *Boletín Galego de Literatura*, 18, 2, pp. 119-123.
- Arias Freixedo, Xosé Bieito (2000), "¿e u era? ¿a clave da cantiga de Meendinho?", *Boletín Galego de Literatura*, 24, 2, pp. 77-82.
- Barros, Carlos (1998), "Donas e xogares na Galícia medieval", in Freixanes Fernández, Víctor (ed.) *Johan de Cangas, Martin Codax, Meendinho: 1200-1350*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, pp. 32-43.
- Bíblia* (ed. 2019-), coord. Oliveira, Anacleto, et al. Lisboa, Fátima, Conferência Episcopal Portuguesa. URL: https://conferenciaepiscopal.pt/biblia/index.php/Main_Page [consultado a 24/05/2022]
- Bíblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem* (2007), Weber, Robert; Gryson, Roger (eds.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. URL: <https://www.die-bibel.de> [consultado a 24/05/2022]
- Brea, Mercedes, (ed. 1996), *Lírica profana galego-portuguesa*, Santiago de Compostela, Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, vol. II.
- Brea, Mercedes (1998), "Os santuários á beira do mar", in Freixanes Fernández, Víctor (ed.) *Johan de Cangas, Martin Codax, Meendinho: 1200-1350*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, pp. 70-76.
- Brea, Mercedes (1998a), "Mariñas e romarías na ría de Vigo", *Revista Galega do Ensino*, 19, pp. 13-36.
- Carreto, Carlos Clamote (2021), "Sacralidades fluidas: o mar e as fronteiras do coñecemento na ficción medieval", *Lusitania Sacra*, 40, pp. 83-110. DOI: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2019.9754> [consultado a 24/05/2022]
- Castro, Aníbal Pinto (trad. 2004), *Tiago de Voragine, Legenda aurea*. 2 voll, Lisboa, Livraria Civilização Editora.
- Cohen, Rip (2003), *500 cantigas d'amigo*, Porto, Campo das Letras.
- Correia, Ângela (1993), "Sobre a especificidade da cantiga de romaria", *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2, 8 (2), pp. 7-22.
- Deyermond, Alan (1992), "Old Testament Elements in two Cantigas de Amigo", in *Studies in Portuguese Literature and History in Honor of Luís de Sousa Rebelo*, London, Thamesis, pp. 21-28.
- Ferreira, Maria do Rosário (1999), *Águas Doces, Águas Salgadas: da funcionalidade dos motivos aquáticos na Cantiga de Amigo*, Porto, Granito.

- Ferreira, Maria do Rosário & Miranda, José Carlos Ribeiro (2004), "Meendinho ou as ondas em águas paradas", in Brea, Mercedes (coord.) *O Cancioneiro da Ajuda, cen anos depois*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 293-312.
- Ferreira, Maria do Rosário (2009), "Motivos naturalistas e configurações simbólicas na cantiga de amigo", in Ferreira, Maria do Rosário; Laranjinha, Ana Sofia; Miranda, José Carlos (coord.), *Seminário Medieval 2007-2008*, Porto, Estratégias Criativas, pp. 205-217.
- Ferreiro, Manuel (2007), "Sobre a edição dos textos trovadorescos galego-portugueses. Novamente Meendinho", *Critica del testo*, X, 2, pp. 47-67.
- Ferreiro, Manuel (dir. 2018), *Universo Cantigas. Edición crítica da poesía medieval galego-portuguesa*, Coruña, Universidade da Coruña. URL: <http://universocantigas.gal> [consultado a 24/05/2022]
- Fernández Guadianes, Victor (ed. 1998), *Cantigas do Mar de Vigo: edición crítica das cantigas de Meendinho, Johan de Cangas e Martin Codax*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Educación e Ordenación Universitaria, Dirección Xeral de Política Lingüística.
- Foer, Joshua & Lockspeiser, Brett, Fund. (2011-), *Sefaria: A Living Library of Torah Texts Online*. URL: <https://www.sefaria.org/> [consultado a 24/05/2022]
- Hengel, Martin (2010), *Saint Peter. The Underestimated Apostle*. Grand Rapids, Michigan/ Cambridge, William B. Eerdmans.
- Lake, Kirsopp (1921), "Simon, Cephas, Peter", *The Harvard Theological Review*, Vol. 14, No. 1, pp. 95-97.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1940), *Crestomatia arcaica*, 1ª ed. Lisboa, Gráfica Lisbonense.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1960), *Crestomatia arcaica*, 3ª ed. Lisboa, Gráfica Santelmo.
- Lopes, Graça Videira & Ferreira, Manuel Pedro et al. (eds. 2011), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online], Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. URL: <http://cantigas.fcs.unl.pt> [consultado a 24/05/2022]
- Machado Paxeco, Elsa & Machado, José Pedro (imp. 1953), *Cancioneiro da Biblioteca Nacional: antigo Colocci-Brancuti*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Maggioni, Giovanni (ed. 1998), *Tiago de Voragine, Legenda aurea*. 2 voll., Firenze, SISMEL
- McDowell, Sean (2015), *The fate of the apostles: examining the martyrdom accounts of the closest followers of Jesus*, New York, Routledge.
- Nunes, José Joaquim (1926), *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*, Vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade.

- Nunes, José Joaquim (1970), *Crestomatia arcaica*, 7ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- Ramón Pena, Xosé (1998), "Textos e fontes" in Freixanes Fernández, Victor (ed.) *Johan de Cangas, Martin Codax, Meendinho: 1200-1350*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, pp. 78-106.
- Silva, Rafaela; Correia, Carla (2021), "A poesia de João Airas de Santiago e a literatura bíblica sapiencial", *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, V, 23, 3, pp. 1-12. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD02114813> [consultado a 24/05/2022]
- Tavani, Giuseppe (1988), "Propostas para unha nova lectura da cantiga de Meendinho", *Grial*, 99, tomo XXVI, pp. 59-61.
- Tavani, Giuseppe (1990), *A poesia lírica galego-portuguesa*, Lisboa, Comunicação.
- Varela, José Luis (2002-2004), "El mar de Meendinho", *Archivo de filología aragonesa*, voll. 59-60, pp. 2139-2154.
- Vasconcellos, Carolina Michaelis (1904), *Cancioneiro da Ajuda. Ed. crítica e comentada*, Halle, Max Niemeyer.